

Os mundos sociais do jornalismo

Introdução

JOËL LANGONNÉ

Ingénieur de recherche
GIS Marsouin, IMT Atlantique
France
joel.langonne@imt-atlantique.fr

SETH C. LEWIS

Associate Professor
University of Oregon
USA
sclewis@uoregon.edu

FÁBIO HENRIQUE PEREIRA

Professor Associado
Universidade de Brasília
Brasil
fabiop@gmail.com

OLIVIER TREDAN

Maître de conférences
Arènes (UMR 6051)
Université de Rennes 1
France
olivier.tredan@univ-rennes1.fr



Este número especial examina o jornalismo o por meio da perspectiva multifacetada dos *mundos sociais*. Vinculado à sociologia interacionista, o conceito de mundos sociais é polissêmico, e assume vários significados e interpretações – algumas delas se sobrepondo e se reforçando mutuamente – nas quais este o conceito deve ser examinado. Originalmente, a abordagem dos mundos sociais foi desenvolvida para o estudo de vários objetos de interesse da sociologia, como a composição e a coordenação no interior dos grupos sociais (Shibutani, 1955), das instituições (Strauss, 1961), e das atividades artísticas (Becker, 1982). Por isso, mesmo que os mundos sociais possam ser vistos como um conceito, ele não seria algo monolítico, que permitisse uma articulação ortodoxa de uma abordagem teórico-metodológica. Na verdade, ele está mais próximo, talvez, de um quadro teórico – de uma forma de ver e de interpretar as atividades coletivas –, baseado em um conjunto de componentes e preocupações inter-relacionadas, cada uma apresentando pequenas variações de acordo com o contexto de estudo: arenas, convenções, carreiras, negociações, redes de cooperação, segmentos, entre outros. O resultado é uma perspectiva heterogênea: dinâmica, processual, plural, conflituosa.

Os pesquisadores em jornalismo frequentemente “descobrem” a perspectiva dos mundos sociais a

Pour citer cet article

Référence électronique

Joël Langonné, Seth C. Lewis, Fábio Henrique Pereira, Olivier Tredan -, « Os mundos sociais do jornalismo », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 8, n° 1 - 2019, 15 juin - June 15 - 15 de Junho. URL : <http://www.surlejournalisme.com/rev>

partir de uma variedade de caminhos disciplinares e conceituais. Alguns têm como ponto de partida as perspectivas sociológicas por meio da sociologia do trabalho ou das profissões, a sociologia dos públicos, a sociologia dos usos. Outros chegam por meio dos estudos em ciência e tecnologia, geralmente através da teoria ator-rede proposta por Latour (2006). Outros ainda descobriram a força do conceito de mundos sociais por meio da antropologia, dos *cultural studies* ou a partir de um desconforto com outras perspectivas, como o campo de Bourdieu (1994) ou a configuração de Elias (1978). E, é claro, alguns pesquisadores identificam os mundos sociais nos próprios estudos do jornalismo, em trabalhos sobre as redações e o *newsmaking* – analisando espaços, pessoas e os processos que configuram os elementos de partilha de rotinas, normas, valores, coletividades, na forma como atividades e interesses se coordenam e conectam – ou ainda em estudos sobre a construção coletiva das identidades de grupos profissionais.

Contudo, ao se depararem com o conceito de mundos sociais, vários acadêmicos passam a apreciar sua dispersão interdisciplinar e flexibilidade (Bastin, 2003; Dickinson, 2008; Lewis & Zamith, 2017; Pereira, 2011; Pereira, Tredan & Langonné, 2018; Travancas, 1992), não porque o conceito possa ser moldado para se encaixar a condições e preocupações pré-existentes, mas sobretudo pelo fato de que ele permite compreender os atores sociais e suas dinâmicas, propondo outras formas de ver esses objetos, distintas de outras abordagens com orientações já preestabelecidas.

EXPLICANDO A PERSPECTIVA DOS MUNDOS SOCIAIS

Antes de destacar o que a perspectiva dos mundos sociais pode oferecer a partir dos artigos publicados neste dossiê temático, é interessante revisitar o desenvolvimento do conceito. Apesar das várias explicações e iterações sobre uma noção mais ampla de mundos sociais, uma ideia que unifica essas perceptivas é a de que os atores se engajam em atividades coletivas baseadas em redes de cooperação que são organizadas em torno de “convenções” (Becker, 1982). “As atividades rotineiras coletivas criam sistemas de interações relativamente estáveis que agem como referências que guiam as ações futuras” (Gilmore, 1990, p.151). Neste caso, “pertencer a todos esses mundos sociais implica em engajamentos variados de ordem geral que ultrapassam os engajamentos específicos e são facilmente perceptíveis nem escritórios, instituições, organizações, cliques e especialidades que se rela-

cionam com o mundo social” (Strauss, 1997, pp. 165-166). Além disso, Strauss explica que “os mundos sociais são característicos de qualquer área substantiva” (Strauss, 1978, p. 122), o que sugere a adaptação dessa perspectiva ao estudo do teatro, fotografia, música (ver Gilmore, 1990) – e, também, do jornalismo (e.g., Lewis & Zamith, 2017; Pereira, Tredan & Langonné, 2018).

Assim, da mesma forma que os “mundos das artes” de Becker (1982), é possível falar de “mundos do jornalismo”, organizados em torno da atividade jornalística – o que Strauss (1978) chama de “atividade primária” (“*primary activity*”) e Becker (1982) de “atividade central” (“*core activity*”) – o que incluiria “todas as pessoas cujas atividades são necessárias à produção de obras particulares que esses mundos (e eventualmente outros) definem como [jornalismo]” (p. 34). Esta perspectiva é um convite aberto a análises sobre a totalidade de atores que participam dos processos de produção, circulação e consumo de notícias – independente da relevância de suas participações – endossando a concepção do jornalismo como uma prática coletiva, e detendo-se em como as coisas são feitas, nas identidades dos participantes nos intercâmbios entre mundos, nas relações de cooperação que eles desenvolvem, bem como as negociações que são conduzidas (Lewis & Zamith, 2017; ver ainda Lewis & Westlund, 2015).

Invocar o conceito de mundos de modo geral e, mais especificamente no contexto do jornalismo, implica em apontar pelo menos três contribuições que devem ser levadas em consideração. A primeira propõe uma questão bastante beckeriana, “Quem faz o que?” (“Who does what?”) (Becker & Pessin, 2006, p. 178) nos mundos do jornalismo, ou de forma mais precisa: “Quem faz o que, a partir de quais convenções?” (“Who does what, according to what conventions?”). Se seguirmos as hipóteses de Becker, todos os atores dos mundos do jornalismo se integram a uma rede na qual cada um coopera de acordo com “convenções” que “facilitam a atividade coletiva e permitem economias de tempo, de energia e de outros recursos” (Becker, 1982, p. 35). Essas convenções estruturam, de maneira informal, a cooperação entre os participantes e formam uma espécie de “catálogo de técnicas sociais” (Hennion, 2005, p. 14) que indivíduos e coletividades implementam para otimizar o seu funcionamento em um dado momento. Podem ser vistas aqui como uma forma de se descrever uma espécie de “presença no mundo” (Hennion, 2004, p. 14) adotada por “profissionais integrados” (Becker, 1983) a um determinado mundo do jornalismo. Assim, determinar “quem faz o quê” permite descrever precisamente os mundos do jornalismo

(passado ou presente) – sempre dinâmicos, procedurais e coletivos.

A segunda abordagem consiste em reconhecer que as convenções, mesmo que sejam estandardizadas, nunca são rígidas ou imutáveis. As coisas mudam. Dessa forma, a perspectiva dos mundos sociais enfatiza as dinâmicas de segmentação e de entrelaçamento entre diferentes mundos. Anselm Strauss (1978) afirma que “no interior de cada mundo social, representantes de micromundos debatem, negociam, disputam, constroem e manipulam tendo como base diversas questões” (p. 124). Atores, grupos e organizações fazem “interesses distintos, contestam-se, fazem e desfazem alianças para fazer o que eles desejam” (p. 125). No mundo do jornalismo, de várias maneiras “nenhuma definição é definitiva [...] nenhuma fronteira é estável [...], nenhum princípio resiste a uma atividade em que tudo depende, em que tudo se arranja” (Hennion, 2004, pp. 169-170). Os jornalistas precisam lidar com amadores (Feron, Harvey, Trédan, 2015); fazer arranjos com hackers (Dagiral & Parasie, 2011), mas também com escritores, acadêmicos e intelectuais (Pereira, 2011); colaborar com tipógrafos (Langonné, 2014), com os motoristas do jornal (Moretzsohn, 2011) e com outros “Invisíveis do Jornalismo” (Charron, Damian-Gaillard & Travancas, 2014); eles devem organizar o seu trabalho a partir das dinâmicas das mídias sociais, dos dados, dos algoritmos (Lewis & Zamith, 2017); adequar-se à otimização dos motores de busca (Sire, 2014) ou a um mercado de trabalho específico (Pilmis, 2013). Enfim, atores mais ou menos “integrados” lidam com outros atores de outros campos – o que Becker (1983) chama de “dissidentes” (“mavericks”) – e é na descrição dessas modalidades de cooperação que é possível testemunhar as evoluções dos mundos do jornalismo. Trata-se, de certa forma, de descrever essa evolução, no passado e presente: mundos que inovam, evoluem, crescem, continuam estagnados, ou até desaparecem na medida em que entram em contato com outros mundos sociais, outras entidades – outras “cosmoses”, como diria Latour (2006). Eles se transformam em resposta à emergência de novas formas de fazer (novas técnicas, dispositivos e habilidades) e de novas formas de ver (as normas sociais e as ideologias).

A terceira abordagem consiste em lembrar que, especificamente no que se refere à aplicação dos mundos sociais ao estudo do jornalismo, é preciso sempre levar em conta o papel dos usuários/consumidores de notícias como atores nessa relação e nas próprias modalidades de mudança. “Uma perspectiva em termos de mundo social nos lembra que os participantes podem trazer uma percepção

e um julgamento ativos, bem como um saber mais amplo ou mesmo uma pesquisa sobre os acontecimentos de seus mundos sociais [...]. Os leitores serão bastante seletivos e reagem ativamente à leitura” (Strauss, 1978, p. 126). Dominique Pasquier (2004) explica que “essa abordagem analítica oferece reais potencialidades para se trabalhar com a recepção [...]. Ela incita a situar a análise em um nível micro [...]. Ela obriga a tratar das dimensões problemáticas dos processos de coordenação de das dimensões conflituosas das atividades de cooperação” (p. 205). Assim, estudar *quem faz o quê* e *como as coisas mudam* depende sempre de uma definição mais ampla do *quem*, do *que* pode ocorrer e *aonde*.

ESTE NÚMERO ESPECIAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES

De modo geral, a perspectiva dos mundos sociais oferece uma espécie de dupla leitura: ele pode ser usado para representar um espaço de representações partilhadas em relação a atividades comuns, mas também pode simultaneamente elucidar um conjunto de atividades desenvolvidas nas interações entre seus participantes. Visto de outra forma, os pesquisadores podem usar a abordagem beckeriana dos mundos sociais para *observarem as práticas* – como fazem Florian Tixier (“Concorências e cooperações na produção do noticiário sobre a Europa”), Vitaly Buduchev (“Os jornalistas e suas fontes, um reforço mútuo”), Nikos Smyrniais, Sophie Chauvet e Emmanuel Marty (“A cooperação entre jornalistas como uma resposta à desinformação on-line”) e Laura Rosenberg (“Ritos de passagem na carreira dos jovens jornalistas”) neste número especial. Mas também podem assumir uma leitura straussiana, situando os mundos sociais como uma arena em que diferentes grupos – ou segmentos – negociam sua participação em uma organização a partir de uma *representação* de identidades e práticas, como fazem nesta edição Sidonie Naulin (“A construção retórica da profissão de jornalista gastronômico”) e Nils Solari (“*L’Âge de faire*: uma cooperativa de jornalistas na encruzilhada entre diferentes mundos sociais”).

Ora, essas duas abordagens não se excluem. Pelo contrário, as duas dimensões podem ser situadas no continuum que caracteriza o mundo social. Escolher entre uma e outra revela sobretudo a posição de quem observa uma prática social, a forma como ele/a constrói seu campo de pesquisa: pela coleta dos discursos dos atores sociais ou na observação *in situ* de suas práticas. Na verdade, não faz sentido em distinguir as práticas de suas representações, os mundos estabelecidos dos emergentes, todos são parte de um mesmo processo social.

Tentar reconciliar os dois elementos em termos de mundos sociais significa encontrar um ponto de equilíbrio entre os constrangimentos impostos pelas organizações coletiva e as margens de manobra individuais. Seguindo o ponto de vista do pesquisador, este balanço pode ser encontrado pela utilização de alguns conceitos-chave do interacionismo simbólico, como redes de cooperações (Becker, 1982), sistema de convenções (Becker, 1982), carreiras (Becker, 1985) e ordem negociada (Strauss, 1978). Juntos, esses conceitos – aparentemente distintos, mas correlatos – revelam a natureza processual e organizado de uma atividade. Como Strauss et. al. (1964) nos lembram: “A questão das normas poderia ser muito bem ilustrada como uma pequena ilha de estabilidade estruturada, rodada e tensionada por um vasto oceano de negociações. Mas é possível avançar ainda mais nessa metáfora e afirmar o que já está implícito em nossa discussão: só existe o vasto oceano. As próprias normas são negociáveis” (p. 311, grifo do autor).

Ao reunir essas compreensões e articulações e situá-las em relação aos artigos deste número especial, é possível sugerir quatro níveis de análise por meio dos quais se articulam o conceito de mundos sociais e suas aplicações nos estudos de coletividades, incluindo o jornalismo:

1. *As práticas individuais*, as atividades partilhadas e organizadas segundo formas convencionais de se fazer algo conjuntamente;
2. *As representações*, que formam universos de discurso e códigos culturais específicos a um mundo social;
3. *Os sítios de atividade*, incluindo, é claro, os espaços físicos, mas também os dispositivos técnicos nos quais uma atividade coletiva é enquadrada e organizada; e
4. *A diversidade de atores sociais* que colaboram com um mundo social, potencialmente constituindo-se em diferentes segmentos de cooperação e de negociação.

Combinados, esses quatro níveis de análise revelam as múltiplas formas de se estudar os mundos do jornalismo. Primeiro, na forma como o jornalismo passa a ser considerado como uma atividade coletiva que não depende apenas de jornalistas; mais do que isso, essa perspectiva implica em uma contínua expansão dos atores sociais, de actantes tecnológicos, entre outros, que participam desse mundo (Lewis & Westlund, 2015). Revisar essa compreensão do jornalismo abre caminhos para reconhecer as novas configurações dos fluxos de

informação nos contextos em que o jornalismo (e os jornalistas tradicionalmente vinculados a ele) estão perdendo sua posição central, como ilustrado o artigo de Vitaly Buduchev neste número especial. Um segundo ponto é que os mundos do jornalismo podem ser vistos como uma intrincada rede de trajetórias de carreiras e de oportunidades de avanço, cada uma delas atravessando as várias dimensões dos indivíduos e dos processos que fazem do trabalho jornalístico um empreendimento coletivo (como mostram Rosenberg e Naulin nesta edição). Aplicar o conceito de carreira significa não só considerar a diversidade dessas trajetórias, os múltiplos caminhos para se tornar jornalista e vincular aos mundos do jornalismo como uma ocupação, mas também, de modo mais geral, a dimensão diacrônica dos mundos sociais. Além disso, um estudo mais integrado dos mundos sociais abre a possibilidade de incorporar objetos e suas práticas associadas ao esquema analítico, levando seriamente em consideração a materialidade de qualquer atividade social (Barbier, Trépos, 2007; De Mayer & Le Cam, 2015; Langonné, 2014; Le Cam, 2013; Lewis, 2015). Os mundos do jornalismo são ricos em exemplos nesse sentido: o uso de câmeras escondidas e de drones na cobertura de notícias (Fernández Barrero, 2018), o papel dos algoritmos de métricas na organização e na regulação do consumo da mídia (Colson, De Maeyer & Le Cam, 2013). Ou ainda, no que se refere à diversidade de atores, a abordagem dos mundos sociais pode revelar as coordenações e confrontações que emergem quando atores rivais se juntam em torno de um tensionamento ou uma preocupação – é o caso das iniciativas de *fact-checking*, ilustradas por Nikos Smyrniotis, Sophie Chauvet, and Emmanuel Marty neste número e que requerem decisões conjuntas entre redações concorrentes sobre o que reportar e o que estrategicamente ignorar. Na mesma direção, Andrés Stefoni (“Politização e publicização dos mundos dos jornalistas políticos de Buenos Aires”) destaca as alianças entre os diferentes segmentos do jornalismo e de outros membros deste mundo social para se protegerem e defenderem sua autonomia contra a perseguição do governo na Argentina.

Finalmente, este número especial revela o caráter intrinsecamente indutivo da perspectiva dos mundos sociais. Os artigos selecionados sublinham como os mundos do jornalismo pode ser usado como um conceito heurístico de grande utilidade para descrever esses diferentes campos de pesquisa. Ele se fundamenta em observações etnográficas, entrevistas e outras abordagens qualitativas para fazer uma avaliação fina das dinâmicas entre atores. Nesse processo, pesquisadores podem aproximar a abordagem dos mundos sociais a ou

tros conceitos sociológicos como o de campo (Bourdieu, 1994) e dispositivos (Foucault, 1975), bem como outras teorias do universo mais amplo da sociologia interacionista ou pragmatista (p.e., Boltanski, 1983; Hughes, 1958; Latour, 2006). Alguns podem argumentar que este uso amigável e generoso do conceito implica em esvaziar o seu valor explicativo. Se as pessoas podem encontrar formas similares de se apropriar de outros conceitos, qual seria o interesse em aplicar, fazer uso, ou mesmo

defender a perspectiva dos mundos sociais? Talvez a resposta resida justamente na versatilidade do conceito e sua habilidade de permitir ir além de algumas ortodoxias teóricas para revelar a riqueza da prática jornalística com sua diversidade de atores e práticas.

REFERÊNCIAS

- Barbier, R., Trepos, J.-Y., 2007, « Humains et non-humains : un bilan d'étape de la sociologie des collectifs », *Revue d'anthropologie des connaissances*, n° 1, pp. 35-58.
- Bastin, G., 2003, *Les professionnels de l'information européenne à Bruxelles : Sociologie d'un monde de l'information (territoires, carrières, dispositifs)*, Thèse de doctorat en sociologie, Ecole Normale Supérieure de Cachan.
- Becker, H. S., 1982, *Arts Worlds*, Berkeley, University of California Press.
- Becker, H. S., 1985, *Outsiders. Études de sociologie de la déviance*, Paris, Métailié.
- Becker, H. S., Pessin, A., 2006, « Dialogue sur les notions de monde et de champ », *Sociologie de l'art*, vol. 1, no 8, pp. 163-180.
- Becker, H. S., 1983, « Mondes de l'art et types sociaux », *Sociologie du travail*, n°4, pp. 404-417.
- Boltanski, L., 1982, *Les cadres : la formation d'un groupe social*, Paris: Minuit
- Bourdieu, P., 1994, « Espace social et espace symbolique », *Raisons pratiques. Sur la théorie de l'action*, Paris, Seuil, pp. 13-35.
- Charron, J., Damian-Gaillard, B., & Travancas, I., 2014, « Journalism's "Invisibles". Introduction » *Sur le Journalisme - About Journalism - Sobre Jornalismo*, vol 3, n°1, 10-13.
- Colson, V., De Maeyer J., Le Cam F., 2013, *Du pigeon voyageur à Twitter. Histoires matérielles du journalisme*, Bruxelles, Espace de Libertés, Coll. Liberté j'écris ton nom.
- Dagiral, E. et Parasie, S., 2011, « Portrait du journaliste en programmeur. L'émergence d'une figure du journaliste hacker », *Cahiers de Journalism*, no 22-23, pp. 144-154.
- De Maeyer J., Le Cam F., 2015, « The Material Traces of Journalism », *Digital Journalism*, vol. 3, n° 1, pp. 85-100.
- Dickinson, R., 2008, « Studying the Sociology of Journalists: The Journalistic Field and the News World », *Sociology Compass*, vol. 2, n° 5, pp. 1383-1399.
- Elias, N., 1978, *What is sociology ?*, London: Hutchinson.
- Fernández Barrero, A., 2018, *El periodismo que vuela: Drones, 3D, Smartphones y robots, tecnologías emergentes para la profesión periodística*, Sevilla, Fénix.
- Ferron, B., Harvey, N. et Trédan, O. (dir.), *Des amateurs dans les médias : Légitimités, autonomie, attachements*, Paris, Presses des Mines, 2015.
- Foucault, M., 1975, *Surveiller et punir*, Paris, Gallimard.
- Gilmore, S., 1990, « Art worlds: developing the interactionist approach to social organization », in: H. S. Becker, & M. M. McCall (Eds.), *Symbolic interaction and cultural studies*, Chicago & London, The University of Chicago Press, pp. 148-178.
- Hennion, A., 2004, « Une sociologie des attachements. D'une sociologie de la culture à une pragmatique de l'amateur », *Sociétés*, no 85, p. 9-24.
- Hennion, A., 2005, « Pour une pragmatique du goût », *Papiers de recherche du CSI*, no1, pp. 1-15.
- Hughes, E. C., 1958, *Men and their work*, Glencoe, IL: Free Press.
- Langonné, J., 2014, « L'impossible "dernier mot". La maquette du journal : un outil partagé », *Sur le journalisme - About journalism - Sobre jornalismo*, vol 3, n°1, pp. 18-29.
- Latour, B., *Changer de société, refaire de la sociologie*, Paris, La Découverte, collection Armillaire, 2006
- Le Cam, F., 2013, « Le 'journal' dans le discours des journalistes du Québec (1880-2005) », in A. Levrier et A. Wrona., *Matière et esprit du journal. Du Mercure Galant à Twitter*, Paris, Presses universitaires Paris-Sorbonne, Coll. Histoire de l'imprimé, pp. 233-251.
- Lewis, S. C., 2015, « Epilogue: Studying the Boundaries of Journalism: Where do we go from here? », in Carlson, M., and Lewis, S. C. (Eds.), *Boundaries of Journalism: Professionalism, Practices and Participation*, London: Routledge, pp. 218-228.
- Lewis, S., Westlund, O., 2015, « Actors, Actants, Audiences, and Activities in Cross-Media News Work », *Digital Journalism*, vol. 3, n° 1, pp. 19-37.
- Lewis, S., Zamith, R., 2017, « On the Worlds of Journalism », in Boczkowski, P. et Anderson, C. W. (dir.), *Remaking the News*, Cambridge, MIT Press, pp. 111-128.
- Moretzsohn, S. 2011, *Repórter no Volante - O Papel dos Motoristas de Jornal na Produção da Notícia*. São Paulo: Publifolha.
- Pasquier, D., 2004, « La télévision comme expérience collective : retour sur les Mondes de l'Art », in Blanc, A., Pessin, A., (dir.), *L'art du terrain, mélanges offerts à Howard S. Becker*, Paris, L'Harmattan, coll. La librairie des humanités, p. 193-218.
- Pereira, F. H., 2011, *Jornalistas-intelectuais no Brasil*, São Paulo, Summus.
- Pereira, F. H., Tredan, O., Langonné, J., 2018, « Penser les mondes du journalisme », *Hermès*, vol. 82, n°3, pp. 99-106.
- Pilmis, O., 2013, *L'intermittence au travail. Une sociologie des marchés de la pige et de l'art dramatique*, Paris, Economica, coll. Etudes sociologiques.
- Shibutani, T., 1955, « Reference Groups as Perspectives », *American Journal of Sociology*, n° 60, pp. 522-529.
- Sire, G., 2014, « Référenceur et référencement. Cachez ces pratiques que je ne saurais voir », *Sur Le Journalisme - About Journalism - Sobre Jornalismo*, vol. 3, n°1, pp. 70-83.
- Strauss, A. et al., 1964, *Psychiatric Ideologies and Institutions*, New York, Free Press of Glencoe.
- Strauss, A., 1978, « A Social World Perspective », in Denzin N., *Studies in Symbolic Interaction*, vol. 1, Greenwich, CT, JAI Press, pp. 119-128.
- Strauss, A., 1997, *Mirrors and masks: the search for identity*, New Brunswick, Transaction Publishers.
- Travancas, I. S., 1992, *O mundo dos jornalistas*, São Paulo, Summus.